

MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO

**O SUJEITO QUE GAGUEJA E A DESCONSTRUÇÃO DA IDEOLOGIA DO
BEM FALAR**

GABRIEL DA COSTA GOMES

Orientadora
Grasiele Nespoli

Rio de Janeiro
2012

GABRIEL DA COSTA GOMES

**O SUJEITO QUE GAGUEJA E A DESCONSTRUÇÃO DA IDEOLOGIA DO
BEM FALAR**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Educação Profissional Técnica
Integrada ao Ensino Médio da Escola
Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio como requisito parcial para
aprovação no curso técnico de
Gerencia em Saúde.

Orientadora:
Grasiele Nespoli

Rio de Janeiro

2012

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente a meus pais pelo suporte e aprendizado em conjunto de como lidar com a disfluência. Agradeço também aos meus amigos pelo apoio ao longo deste ano tão conturbado. Agradeço a minha orientadora pela atenção, amizade e pelas orientações quase sessões de terapia. A minha tia por me ajudar indiretamente a chegar a esta escola. A minha cadela por me ouvir tantas vezes sem me julgar. E a Silvia Friedman por sua obra que mudou minha maneira de enxergar meu tema e, logo, minha disfluência.

Dedico este trabalho a todos os disfluentes que conheci e aos que não conheço. Espero que esta pesquisa lhes ajude assim como me ajudou e, acima de tudo, dedico este trabalho a todos aqueles que possuem uma característica que os distingue da maioria e por conta disso sofrem algum tipo de preconceito.

“Sou gago
E vou assim
Repetitivo, atrasado e fora da norma
Perdido na imensidão
Das armas sonoras e
Vítima das palavras.
E vou assim
Gaguejante da vida
Tropeçando nas ruas da fluência
Caindo no caminho da impotência
Errando a rota rotineira
Sofrendo do excesso de palavras
Que me transbordam à boca
E saem desgovernadas se esquecendo de mim.
Sou o poeta nervoso da amada impaciente
Sou o poeta dos fonemas indevidos
Sou o poeta
Sou gago”

(Gabriel Gomes)

1 INTRODUÇÃO

O motivo da escolha do meu tema de monografia estava arranjado há muito tempo. Não por mim, nem por algum professor ou orientador, mas por algo que carrego comigo desde que me lembro. Sou mais um dos 2 milhões de brasileiros e brasileiras que possuem disfluência verbal, ou a famosa gagueira. Não a tenho por timidez ou algum tipo de incapacidade psicológica, admito, esse fator é um agravante, mas não o real motivo; e desmistificar esse pré-conceito ou esse estereótipo sobre o disfluente é um dos meus principais objetivos e o que me motiva a fazer esta pesquisa. Tal objetivo vem de um fundo pessoal e principalmente de um quadro que observei em toda minha vida, em que o “gago” era diminuído, ridicularizado e tido como culpado pelo problema que o atinge.

Particularmente, a gagueira nunca foi algo que me impedia totalmente de realizar atividades, porém se mostrou e se mostra um grande obstáculo, que deve ser superado a cada momento do meu dia. Como qualquer criança, sofri brincadeiras na escola devido à minha disfluência, considerada um distúrbio, nada que tenha deixado traumas profundos, porém é um fator muito presente na vida do disfluente. Meu grau de intensidade de disfluência não se enquadra nos mais elevados, pois existem pessoas de níveis elevadíssimos que não conseguem pronunciar uma palavra sem gaguejar. E são essas pessoas que mais me motivam a realizar minha pesquisa.

Imagine uma pessoa que sabe o que deseja falar, que tem toda uma frase programada em sua cabeça e na hora de pronunciá-la enfrenta um bloqueio inexplicável, que não é possível controlar, e quanto mais se insiste em enfrentá-lo menos as palavras “saem”. Imagine agora esse bloqueio não acontecer apenas uma vez durante uma frase, mas algumas vezes. Adicione agora pessoas a sua volta esperando você falar, algumas delas rindo, outras fingindo que nada está acontecendo e ainda aquele grupo que se acha especialista no assunto e insiste em dizer: “respira fundo, calma.” Não, não se trata de estar nervoso, mas as palavras por algum motivo desconhecido insistem em não querer sair de sua boca “normalmente”. E isso se repete em vários momentos na vida de um gago.

Partindo da angústia e inquietude que a gagueira gera, sempre quis saber o porquê disso ocorrer comigo, um dos principais motivos pela escolha deste tema. Porém essa dúvida não vinha apenas de mim, ao passo que sempre me perguntavam por que eu tinha essa “doença”, se já tinha nascido com ela, se já tinha procurado tratamento

e, se já, quais eram esses tratamentos. Percebi então uma desinformação e uma predominância do senso comum muito forte acerca desse assunto. Foi então que comecei a pesquisar e percebi que este problema é muito vasto e abrange milhões de pessoas em todo mundo e que, mesmo com tantos disfluente existentes, o assunto ainda era e é negligenciado pelas grandes mídias. Vez ou outra surgem matérias que abordam a gagueira, mas se limitam a uma camada muito superficial deste grande assunto que é a disfluência verbal. Não são realizadas campanhas de conscientização, incentivo ao tratamento, ou seja, maiores informações para a população sobre isto. Perante isso, pode-se perceber que a fonoaudiologia ainda hoje recebe pouco investimento e incentivo por parte do governo, sendo uma profissão, muitas vezes, negligenciada e que dificilmente gera estabilidade financeira para seus profissionais, o que se reflete na falta destes no mercado.

Pensando esse cenário, que envolve a minha vida, percebo que investigar a disfluência é importante para romper visões de senso comum que a julgam como um problema simples, de fundo psicológico, desassociado de outros fatores. Assim, por meio da revisão de literatura em acervos científicos e sites institucionais que apresentam publicações especializadas sobre o tema¹, buscou-se: compreender o fenômeno da gagueira, identificando as formas de explicação, diagnóstico e tratamento; analisar as experiências subjetivas de pessoas que gaguejam com ênfase nas influências que esta exerce nas esferas psicológicas e sociais; e discutir a plasticidade que envolve o exercício subjetivo no tocante à constituição desta forma de expressão da fala.

¹ Foram pesquisados o acervo do Scielo e os sites da Associação Brasileira de Gagueira, do Instituto Brasileiro de Fluência, e o da fonoaudióloga e psicóloga Silvia Friedman que desenvolve pesquisas sobre a relação entre gagueira e subjetividade.

2 GAGUEIRA: EXPLICAÇÕES, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO

A gagueira é um tema que suscita ainda muitas incertezas (FRIEDMAN, 2012). Objeto interdisciplinar (da fonoaudiologia, da psicologia, da medicina e da pedagogia), a gagueira ainda é um fenômeno que escapa de uma explicação científica comprovada e é um tema pouco divulgado. Mesmo assim, sabe-se que a gagueira se constitui como um problema de saúde que precisa ser investigado, principalmente diante do predomínio de uma visão que a classifica como uma patologia, ou seja, como algo que se desvia da norma, do “padrão de normalidade” que define o “sujeito bom falante” como o “sujeito normal”.

A gagueira, na Classificação Internacional de Doenças (CID-10), é considerada um distúrbio ou um transtorno de fluência da fala. Para a medicina, ou para a neuromedicina mais especificamente, o problema da gagueira consiste em uma dificuldade do cérebro de finalizar um som ou uma sílaba dando continuidade à fala. Acredita-se que os “núcleos da base”² são os elementos envolvidos com a automatização das tarefas, como a fala espontânea. Neste sentido, o problema da gagueira refere-se a uma dificuldade de automatização dos movimentos de fala devido a um mau funcionamento neurológico, decorrente de algum fator genético ou biológico (MERLO, 2012). Já a psicologia compreende a gagueira como um funcionamento subjetivo singular, como uma forma diferente de relação do sujeito com a produção da fala. A gagueira é também “um produto de uma forma de sofrimento na fala construído na vida.” (FRIEDMAN, 2012) O discurso da fonoaudiologia transita entre as explicações médicas e psicológicas e busca estratégias e formas de tratamento do problema.

Para Friedman (2004) a gagueira é vista como uma incógnita e analisada apenas externamente, isto é, apenas em suas características, deixando de lado os aspectos sociais que a constituem como um todo. Com isso, as diferentes visões, ao analisarem aspectos fragmentados, acabam produzindo uma discordância sobre as causas da gagueira, ainda que haja uma concordância em relação à descrição da sua manifestação. Friedman organiza essas diferentes visões acerca da gagueira em três grupos: orgânicas, psicológicas e sociais.

As teorias orgânicas [...] se referem, ainda, a causas congênitas, hereditárias, traumáticas, infecciosas, endócrinas, alérgicas, organo-

² Sabe-se que os núcleos de base são responsáveis por algumas funções como o controle motor, a cognição, as emoções e o aprendizado.

anatômicas, cardiovasculares e metabólicas. [...] As teorias psicológicas sustentam que a manifestação da gagueira resulta ou é sintoma de problemas intrapsíquicos tais como: conflitos de tendências antagônicas, em que o desejo de falar é perturbado por motivos inconscientes que impedem o sujeito de falar; conflito de padrões afetivos intensamente antagônicos que causa ruptura da fala; duplo conflito entre o desejo de falar e não falar, silêncio e medo do silêncio; necessidades sexuais inconscientes não resolvidas (fixação oral, ou fixação anal); agressividade reprimida, entre outros. As teorias sociais vêem a causa da manifestação da gagueira não no indivíduo, mas no processo de suas relações com os outros (FRIEDMAN, 2004, p.11 e 12)

Friedman defende que as teorias sobre a gagueira também podem ser classificadas em dois grupos, segundo suas causas: agentes vivos e agentes ativos: “as teorias orgânicas e psicológicas consideram que a gagueira é causada por um agente ativo que atua dentro do indivíduo e as sociais consideram o agente vivo atuando fora do indivíduo” (2004, p.13).

Além disso, sabe-se que demasiados fatores podem levar uma pessoa a gaguejar, como o fator social, o genético e o orgânico. Esses fatores podem também ser conjugados, definindo as causas da gagueira como multifatorial. No aspecto social estão ligados assuntos de suma importância na formação de qualquer indivíduo como a relação com a família, amigos e desconhecidos. A disfluência também pode se derivar de um fator genético, hereditário, uma vez que as chances de um pai disfluente ter um filho que também seja são muito maiores do que uma pessoa que não gagueja. Notório também é a questão da maior incidência no sexo masculino, que representa a maior parcela de sujeitos gagos no mundo. Já o fator orgânico está ligado à má formação de sistemas neurais, ou ao momento do parto, quando demorado ou com alguma complicação, que pode gerar algum problema de oxigenação, causando a gagueira futuramente.

É justamente por essa impossibilidade de diagnóstico padronizado que a disfluência assume este caráter tão específico, sendo necessário o acompanhamento de um profissional para determinar a causa, ou possíveis causas, em cada indivíduo.

Independente da explicação sobre a gagueira, Friedman ressalta que a ideologia do bem falar é determinante para a formação e o desenvolvimento do sujeito gago. Quando há uma cobrança da “boa fala” a criança se vê perdida já que o processo da fala é espontâneo, assim, neste processo, ocorre um duplo vínculo, uma situação paradoxal, já que a criança é cobrada que fale e fale “direito”, como ordena a ideologia do bem falar. Perante isso, a criança se vê num impasse já que tem que falar, mas não consegue atender a norma exigida. Enquanto o sujeito fluente se

preocupa com o conteúdo da fala, o sujeito ou a pessoa que gagueja se preocupa com a forma como fala. Essa relação acaba agravando a gagueira, porque quando o sujeito não se preocupa com a fala, a gagueira praticamente some, enquanto a preocupação com a fala, em si, gera uma pré-disposição para a gagueira.

Quanto mais a imagem do bom falante é cobrada, ou seja, em situações de falar em público ou falar com autoridades, mais se gera tensão ao falar, potencializando a gagueira. Da mesma forma, técnicas de antecipação acabam por gerar mais tensão que, por sua vez, gera a gagueira, tornando-se um ciclo vicioso. A ideologia do bom falante pode constituir um paradoxo já que está fortemente presente e pode ser uma das possíveis causas e agentes agravantes para a gagueira. Quando se há uma expectativa em relação a um certo modo de fala a ser seguido, é compreensível que alguns indivíduos não o correspondam, o que gera certo preconceito e estranheza, visto que o ser humano tem por natureza medo e trata com certa distância o que lhe é desconhecido ou estranho.

Outro fator importante é o modo organizacional da sociedade atual entranhada no capitalismo, em que cada vez mais o tempo é valorizado e a sua perda é vista como algo negativo. Ainda ligado aos fatores social e cultural está a imagem do bom locutor, algo que é hiper valorizado atualmente, quando quem transmite mais claro e rapidamente sua mensagem é tido como mais eficiente. Nota-se então que quem tem disfluência acaba ficando à margem dessa ideologia, vendo-se diminuído e com grande probabilidade de ser diminuído pelos demais (FRIEDMAN, 2004). Isso está relacionado com a forma como a ordem social contemporânea valoriza o tempo, isto é, o melhor aproveitamento do tempo: precisamos produzir rápido, para vender rápido e consumir rápido. E quando algo foge a essa regra, existe um desejo de eliminar o desvio para que este não atrapalhe quem ou o que está de acordo com o padrão. Essa característica incide sobre a disfluência, pois é preciso tempo para ouvir o que um disfluente tem a dizer e atualmente o tempo tornou-se uma moeda valiosíssima³.

A disfluência possui várias interpretações e por conta disso muitos equívocos também. É comum o sujeito gago ser visto pela sociedade apenas por meio de um

³ Seria necessário para abordar esse quesito de forma completa um estudo mais profundo sobre a organização das sociedades capitalistas contemporâneas e suas conseqüências, porém reservo-me a fazer esta pequena problematização para contextualizar a inserção da disfluência na sociedade, que se mostra cada vez mais impaciente devido ao ritmo de vida contemporâneo.

estereótipo, como uma pessoa tímida, retraída, frágil e com alguns possíveis traumas em sua vida. Importante ressaltar que todos esses fatores existem, mas não são necessariamente causas da disfluência. Nesse sentido, esta imagem do gago tem que ser desconstruída, o que causará o fim de muitos mitos sobre a disfluência⁴.

Existem estudos, desde a década de 1970, que dividem os disfluentes entre aqueles que lidam bem com sua disfluência e os que lidam mal, como assinala Merlo⁵, quando divide as pessoas que gaguejam em dois grupos, bastante distintos: os que têm padrão de desamparo e os que têm padrão de maestria. A autora afirma que:

Os sujeitos que compreendessem a fluência como uma habilidade inerente tenderiam a adotar metas de desempenho e, portanto, a reagir com desamparo frente às dificuldades de fluência. Seriam sujeitos que:

- Acreditariam que a gagueira não poderia ser, de fato, melhorada;
- Desejariam provar sua habilidade, exibindo a fluência e escondendo a gagueira;
- Teriam dificuldades para assumir e aceitar a gagueira, porque isso significaria assumir que se é inadequado;
- Sentiriam sua auto-estima ser ameaçada pela gagueira;
- Entenderiam que o esforço para melhorar é inútil, além de ser prova adicional da pouca habilidade para falar;
- Tenderiam a fugir de situações consideradas ameaçadoras;
- Apresentariam altos graus de ansiedade com relação ao desempenho de fala;
- Apresentariam afeto depressivo frente a julgamentos negativos;
- Apresentariam aborrecimento e irritação com situações de fala consideradas difíceis;
- Teriam a necessidade de amparar a imagem, enfatizando as habilidades em outras áreas;
- Apresentariam redução do desempenho de fluência após dificuldades sucessivas.

Por outro lado, sujeitos que compreendem a fluência como uma habilidade maleável tendem a adotar metas de aprendizagem e, portanto, reagem com maestria frente às dificuldades. Seriam sujeitos que:

- Acreditariam que a gagueira poderia, de fato, ser melhorada;
- Desejariam aumentar a habilidade de fluência;
- Entenderiam que o esforço é o caminho para melhorar a fluência;
- Sentiriam orgulho e satisfação pelo empenho;
- Enfrentariam e buscariam situações desafiadoras;
- Elaborariam hipóteses sobre como melhorar sua fluência;
- Monitorariam os resultados;
- Persistiriam frente às dificuldades;
- Apresentariam pouca ansiedade com relação ao desempenho de fluência (MERLO, 2012).

⁴ Importante ressaltar e desconstruir o mito de que o sujeito gago o é por ser extremamente tímido ou algo relacionado a isso. Como foi dito antes, a timidez é um dos fatores possíveis que pode resultar na disfluência e principalmente piorá-la em casos de estresse como falar em público, porém é equivocado afirmar que a timidez é o único fator condicionante e causador da disfluência.

⁵ Disponível em: http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=145, acessado em julho de 2012.

Na tradição de estudos sobre a gagueira, pesquisas que investigam a dimensão subjetiva apontam a complexidade que envolve as causas, multifatoriais da disfluência, o que torna delicado e perigoso distanciar tanto o perfil dos sujeitos disfluente, compreendendo que estes podem encarar acontecimentos ao longo de sua vida e no seu dia-a-dia de diferentes formas. Isto significa que nem sempre situações parecidas serão encaradas da mesma maneira já que, como todo ser humano, o sujeito gago é influenciado por fatores externos que acabam refletindo-se internamente e emocionalmente em sua vida. O disfluente não pode ser encaixado em duas categorias únicas e redutivas, pois isso gera uma limitação, uma dicotomia, como se a forma de lidar com a gagueira fosse uma coisa estanque, ou se lida bem, ou se lida mal.

Independente da explicação científica sobre o tema, sabe-se que historicamente foi construída uma imagem estigmatizada do “gago” ou “do falante com disfluência”, imagem esta que precisa ser questionada, desconstruída e reconstruída, pois ela reforça a disfluência como algo patológico e a pessoa que gagueja como alguém que desvia da norma, ou daquilo que é considerado normal. Para abordar tal assunto pode-se estabelecer relação com a ideologia do bom falante, que atua diretamente na construção de uma perspectiva dicotômica que delimita sujeitos normais e sujeitos patológicos ou anormais. Na contramão desta perspectiva, Friedman ressalta, com base no pensamento de Canguilhem⁶, que a disfluência não é algo anormal, isto é, não está fora da norma, mas sim é outra norma, uma outra forma de funcionamento vital. Esse entendimento é bastante esclarecedor, sendo capaz de entender a gagueira como algo dentro do normal, ao contrário do ponto de vista das ciências médicas que define como anormal aquilo que jamais apresenta regularidades. Com isso torna-se importante então distanciar o normal como uma média, tornado tais conceitos mais abstratos e compreendendo que são valores demasiadamente relativos, inconstantes e associados a concepções sociais.

No entanto, contrastando com todo esse pensamento surgem teorias que acentuam a ideia da gagueira como patologia, como algo que foge da norma, como um distúrbio que supõe sentido pejorativo. Neste sentido, é essencial compreender o poder psicológico que tais teorias podem produzir sobre um disfluente que ao se deparar com as mesmas se vê desestimulado e afetado negativamente, enxergando-se como alguém doente e principalmente como um sujeito anormal. Tais pensamentos podem gerar exclusão e isolamento do convívio social, bem como um ciclo vicioso

⁶ CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Ed. Graal. Rio de Janeiro, 1980.

que produz a perpetuação de uma ideologia que não pode ser tomada como única e verdadeira.

Em cada área de conhecimento encontramos diversos pressupostos teóricos, o que torna praticamente impossível indicar um como correto ou não. Neste contexto, surgem também diversos tipos de tratamentos para a disfluência, apoiados em teorias e objetos distintos, não havendo uma padronização de terapia, o que gera muitas vezes a tendência dos profissionais não atender disfluente (FRIEDMAN, 2004).

As terapias existentes podem ser divididas basicamente em três correntes de pensamento:

- i) As que tomam o produto, visando apenas as manifestações externas da disfluência (perspectiva positivista que quer anular a gagueira, que a compreende como um defeito: “uma perspectiva que olha apenas para a pessoa que gagueja em oposição a um padrão idealmente normal e esperado de fluência” (FRIEDMAN, 2004, p.114).
- ii) As que tomam o sintoma, em que a manifestação sonora da disfluência é tomada para estabelecer técnicas que visam a obtenção da fluência, perspectiva que tenta minimizar os sintomas, a manifestação da gagueira, que visa “à reconstrução dos elementos prosódicos da fala por meio de técnicas como fazer o paciente ler e falar muito lentamente, silabando, salmodiando, em uníssono com o terapeuta, ou por aparelhos como falar com o auxílio do metrônomo, sob o efeito do feedback auditivo retardado...” (idem, p.115);
- iii) As que tomam como referência o comportamento, agindo nas reações do indivíduo à disfluência: “Pretendem que ele [o sujeito que gagueira] aprenda a se controlar e a reagir de maneira mais adequada” (idem, p.115).

Importante destacar que essas terapias, segundo Friedman (2004), resultam em pequenas melhoras na fluência dos indivíduos, porém cada uma delas possui um objeto isolado e justamente por isso não dão conta de abranger toda subjetividade e complexidade da disfluência. Tais teorias e práticas enxergam a disfluência como oposta a fluência, e não como co-existentes, tornando a gagueira um problema que deve ser superado através de truques. Os tratamentos então visam apenas a obtenção da fluência, voltando sua atenção apenas para o ato da fala e desconsiderando a construção pessoal histórica do indivíduo. Com isso, acabam por reafirmar a disfluência, tendo em vista que se utilizam de truques paradoxais que perpetuam a concepção de que a disfluência deve ser evitada, criando elementos de distração para

o disfluyente e, conseqüentemente, tirando o foco do verdadeiro problema, o que acaba por criar mais tensão no ato de falar, tendo em vista que o indivíduo aumenta sua atenção em controlar a forma como fala.

Para Friedman a terapia mais adequada para a disfluência é o trabalho de desmistificação da ideologia de mau falante presente nos disfluentes.

Isso é feito a partir do relato do paciente e da observação de seu modo de agir para falar. [...] enquanto a imagem de mau falante não for desmistificada, as tentativas para falar bem, sempre se constituirão em truques paradoxais, que com sua existência, ao mesmo tempo que tentam ocultar, afirmam a gagueira (FRIEDMAN, 2004).

Nesta terapia trabalha-se a quebra da auto-imagem da capacidade efetiva articulatória como ineficaz e, para tal, enfatiza-se a presença dos momentos fluentes, mostrando ao disfluyente que os comportamentos que usa para não gaguejar, paradoxalmente, são os dispositivos que disparam e perpetuam a gagueira. Assim:

O paciente começa a perceber que a gagueira não é uma negação da fluência, mas se sobrepõe e coexiste com ela. Percebe que a fluência não é uma meta a ser alcançada, porque já existe, a meta é aprender a lidar com a gagueira, com a imagem de mau falante (FRIEDMAN, 2004, p. 120).

Outro ponto abordado nesta perspectiva é o uso do trabalho proprioceptivo, em que o paciente sente que sua articulação é eficiente e que quando gagueja está empregando demasiada força no ato de falar. Tendo em vista todo esse processo, pode-se dizer que a terapia, para Friedman, visa que o paciente supere a auto imagem antiga que possuía e passe a se enxergar de outra maneira, incluindo essencialmente sua fala neste processo; fazendo com que ele questione os processos de sua disfluência.

3 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO QUE GAGUEJA DIANTE DA IDEOLOGIA DO BEM FALAR

Para entender melhor o cenário que envolve a disfluência temos que chegar a sua origem, sendo necessário um olhar para a infância, quando começamos nossos processos de formação e aprendizado, e conseqüentemente, quando nos é imposta a ideologia do bem falar, isto é, quando a criança, em seus primeiros estágios de desenvolvimento, é cobrada a falar de um jeito “adequado”. Neste contexto, quando a criança não consegue corresponder a essa expectativa, ocorre certa negação da disfluência e exclusão do disfluyente. Isso leva a uma confusão na cabeça da criança, tendo em vista que lhe é exigido uma forma de fala específica que esta não consegue reproduzir, gerando uma tensão no ato de falar. Tal tensão gera a antecipação dos momentos de possível disfluência, acabando justamente por gerá-la, já que a normalidade da fluência corrente é afetada.

É durante a infância também que traumas são gerados, marcando o indivíduo por toda sua vida. Na obra de Silvia Friedman “Gagueira: Origem e Tratamento”, que contém relatos de alguns disfluentes é notória a importância da fase infantil para a formação e até onde essas experiências afetam/causam a disfluência, quando por exemplo, um disfluyente cita o pai algumas vezes como uma figura séria e autoritária, que lhe cobrava que “falasse direito”, gerando-lhe maior tensão nas relações orais para com seu pai. Já outro disfluyente também faz referência ao pai, menos autoritário, porém com a mesma postura de aconselhar uma fala mais pausada e controlada, reforçando assim sua auto imagem de mau falante e criando-lhe certa angústia para seguir o desejo de seu pai. Reforçando esta lógica, o disfluyente menciona a brincadeira de suas irmãs, que imitavam seu modo de falar, lhe causando irritação e raiva. Outra paciente relata que desde sempre foi taxada de disfluyente, mesmo antes de sua real lembrança de fluência, devido ao fato de em sua família haverem vários disfluentes. Ela cita ainda a utilização de métodos caseiros promovidos por seus pais para sua suposta cura, os quais envolviam leitura diária e ingestão de água dentro de casca de ovo (FRIEDMAN, 2004).

Além da relação com a família, ainda se faz muito presente nos relatos o quanto as relações com os amigos afetam o desenvolvimento de suas disfluências, geralmente na escola, local onde a criança estabelece mais relações com outros sujeitos. Um exemplo relatado por outro paciente aborda o momento dramático da

hora da chamada oral, momento em que se criava uma expectativa da turma quanto a sua resposta, o que gerava uma tensão e a disfluência, no meio dos risos e brincadeiras dos colegas. Tal resposta a um momento de disfluência tem forte impacto sobre um indivíduo, já que este se vê em um cenário de negação, onde por ser “diferente” da maioria acaba sendo discriminado, sendo muitas vezes vítima de exclusão, tendo em vista que, ao se ver perdido e diferente, o indivíduo tende a se tornar mais recluso por medo de sofrer humilhações e constrangimentos. Isto pode gerar um dos estigmas que este trabalho visa desconstruir de que todo disfluente é tímido, e tal timidez é causa da disfluência e não consequência desta.

Outra figura com papel extremamente importante nesse contexto é a do professor, que deve buscar maiores informações de como lidar com as especificidades dos alunos disfluente, evitando assim criar situações constrangedoras e traumáticas.

Fica explícito o quanto a ideologia do bem falar permeia o nosso dia-a-dia, normatizando as formas de fala. E quando alguém abala essa suposta ordem normal ocorre um estranhamento imediato, justificado talvez pelo traço de nossa sociedade capitalista que se esforça para extinguir tudo que não é “perfeito” e tudo que foge da norma.

Se nas relações com pessoas próximas, amigos e parentes certas posturas já afetam o disfluente, quando se trata de outras pessoas com menos intimidade isso se intensifica, já que nesta situação o estado de relaxamento é menor e, na maioria das vezes, as expectativas de uma “fala correta” são maiores. Ações como brincar com o modo de falar, imitar a fala, colocar apelidos relativos à disfluência, dentre outras ações, são disparadoras da disfluência, já que intensificam a auto-imagem de mau falante. E isso pode acabar afetando futuramente outros espaços da vida de um disfluente.

Outro aspecto importante que influencia no processo da falta de fluência, é a postura de quem irá lidar com o disfluente em potencial, os especialistas. Quando os pais procuram um especialista para tratar do jeito de falar diferente de seu filho, é importante que este entenda o quanto o assunto é complexo e como seu papel é fundamental nos rumos da conduta de uma pessoa disfluente; tendo em vista que se não houver conhecimento necessário e muito cuidado no processo de tratamento, a finalidade que é eliminar a disfluência pode acabar perpetuando-a.

Avançando no entendimento do desenvolvimento do sujeito que gagueja, nos deparamos com a etapa posterior a infância, a adolescência, quando traumas de

outrora são reafirmados e as relações com o mundo se expandem, dando início a processos que envolvem a inserção no mercado de trabalho, relacionamentos amorosos, etc. É nesta fase que o preconceito e a discriminação podem se intensificar, criando processos sérios, aos quais em alguns casos, quando a disfluência é muito forte, por exemplo, o sujeito pode pensar em extremos como tirar a própria vida. Entendendo a adolescência como um período naturalmente problemático, de mudanças constantes e decisões providenciais na vida do indivíduo, é preciso olhar para a disfluência como um fator importante, ao qual pode impedir a expansão da comunicação natural desta fase. Situações cotidianas para os demais podem mostrar-se grandes desafios para os disfluentes como apresentar um trabalho, falar em público, ler em voz alta, falar ao telefone, estabelecer relações amorosas, solicitar um produto em uma loja, etc (FRIEDMAN, 2004).

Portanto é essencial o apoio da família para a superação desses desafios diários, assim como a ajuda de um especialista que irá orientar este jovem com técnicas específicas que irão lhe fortalecer e conseqüentemente melhorar sua fluência. A família ainda desempenha o papel de orientar e dar força quando um adolescente disfluyente procura um acompanhamento especializado e se vê diante de inúmeras técnicas que tem de praticar, muitas e muitas vezes, o que pode se tornar um desestímulo durante essa fase da vida de grande agitação. Importante ressaltar que a disfluência não pode se tornar o centro da vida do indivíduo, mas um desafio complexo como outros que a vida impõe a ser superado, portanto, sendo benéfico o estímulo à prática de esportes, atividades musicais e outras que promovam a interação social do jovem disfluyente.

Enquanto a infância é a fase da vida em que se iniciam os processos de formação da disfluência, a adolescência se mostra como uma etapa importante de socialização do sujeito, o momento em que o jovem é desafiado a se inserir socialmente, para além do espaço da família e da escola, no mundo profissional.

Já na fase adulta a disfluência interfere em outros fatores da vida do indivíduo, o que pode afetar até sua posição social, tendo em vista que o disfluyente muitas vezes se embasa em suas limitações para definir uma carreira, evitando cargos que o levem a situações de uso da fala, como professor, palestrante, executivo que participe de reuniões, dentre outras. Importantíssimo ressaltar que o disfluyente pode abdicar de tais profissões não por falta de capacidade, mas por medo de ser exposto a situações constrangedoras e tensas, já que em tais cargos, e na sociedade como um todo, é

exigida uma fluência perfeita e a ausência desta, geralmente, estigmatiza o indivíduo como um mal profissional, incompetente ou supostamente inapto para expor suas idéias de forma satisfatória (FRIEDMAN, 2004).

Ainda de acordo com Friedman (2004), é durante a fase adulta que se abandona as ilusões da adolescência e, assim, a pessoa disfluente passa a lidar mais intensamente com as cobranças da sociedade, fora da “zona de conforto” constituída pelos laços familiares e, também, escolares. Além disso, as cobranças sociais que tangem às relações amorosas começam a aparecer. E neste momento, o disfluente percebe, em função da necessidade de conversação, uma certa dificuldade de se relacionar, o que pode acabar prejudicando a exigência social do casamento. Quando adulto, o disfluente sofre outras exigências sociais e dele é cobrado um esforço para alcançá-las e quando não consegue surgem frustrações, traumas, medos e momentos de infelicidade. No caso das relações amorosas, para torná-las saudáveis, é preciso compreensão para entender o tempo de fala do(a) parceiro(a) disfluente, ajudando-o(a) de maneira positiva e evitando comportamentos que reforçam a imagem de mau falante.

Outro aspecto importante é quando o disfluente forma sua família, gerando novas crianças, pois existe um receio, por parte dos disfluentes, de que seus filhos adquiram também a disfluência, vendo em sua cria a reprodução de seu sofrimento. Neste caso são essenciais o acesso à informação e a construção de uma postura correta dos pais com a criança, para evitar a produção de uma tensão na fala exacerbada. Neste sentido, é importante aproveitar a própria experiência para evitar erros clássicos com a criança.

4 CONCLUSÃO

Como conclusão, pode-se afirmar que a disfluência atualmente é um fenômeno pouco discutido nos espaços sociais, sendo abordado geralmente no âmbito das especialidades científicas. Esse fato acaba gerando mitos e estereótipos equivocados, ligados à falta de certeza uma no que tange às explicações, às formas de diagnóstico e ao tratamento de disfluentes. É preciso entender que cada sujeito carrega consigo sua história e suas peculiaridades, portanto nenhuma disfluência é igual à outra e nenhum tratamento será igual ao outro, sendo essencial então, para se obter um acompanhamento benéfico, uma articulação multidisciplinar que vise atender toda complexidade do fenômeno em questão.

O tratamento ideal tem que objetivar a fluência, reafirmando no paciente que seus momentos fluentes são mais constantes que os disfluentes, fortalecendo sua autoimagem, o que ocasionará a diminuição na tensão da fala, levando naturalmente a fluência. Porém o que ocorre na maioria dos casos são tratamentos que tomam como objeto a disfluência e seus decorrentes, acabando por reafirmá-la.

Advindo do desejo contrário a estes tratamentos, Friedman apresenta uma teoria que salienta a dimensão subjetiva que a disfluência carrega, e afirma a importância da terapia considerar a experiência e singularidade de cada influente, compreendendo-o de dentro para fora. Com isso, a autora desconstrói naturalmente a imagem de mau falante que os disfluentes carregam.

Considerando o exercício subjetivo, os tratamentos devem levar em conta uma análise da história de vida dos disfluentes, e não puramente a disfluência em si. É preciso entender a complexidade das diversas fases da vida de um indivíduo disfluente e como esta especificidade da fala pode afetá-lo em cada um destes momentos: na infância, que exerce papel fundamental na formação da disfluência, na adolescência, que é a fase de iniciação, transformação e formação de aspectos que irão se perpetuar na vida do sujeito, refletindo na sua fase adulta, na qual ele lidará de maneira intensa com as pressões e exigências sociais.

Neste sentido, é importante dizer o quanto é primordial o apoio familiar em todas as fases, sendo muitas vezes providencial para o desenvolvimento, ou não, de uma disfluência persistente e também para a eficiência dos tratamentos propostos. Passando pela adolescência e por toda fase adulta esbarra-se com a exigência social

da fluência ligada ao mercado de trabalho, que está imerso na lógica da sociedade capitalista apressada que marginaliza mais ainda o disfluente.

Perante todo este cenário, é evidente o papel da divulgação de informações sérias e com embasamento para sanar as dúvidas e pouca informação que o público tem acerca da disfluência. Com isso poderá ocorrer um entendimento e uma maior compreensão da complexidade da disfluência, entendendo que esta não é uma fuga do normal, mas sim um jeito diferente que possui uma plasticidade. Essa perspectiva desconstrói o mito da gagueira como uma patologia, contribuindo para a diminuição da tensão dos momentos de oralidade, o que, conseqüentemente, aumentará a fluência dos indivíduos. Além disso, nos faz entender que a disfluência é uma outra forma de expressão da fala, nem certa, nem errada, apenas diferente, revelando mais uma prova da beleza da existência humana que conta com tanta diversidade, ainda que imersa numa unidade que é a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FRIEDMAN, Silvia. **Causas da Gagueira**. Disponível em http://www.abragagueira.org.br/causas_forum.asp?id=16, acesso em março de 2012.
- FRIEDMAN, Silvia. **Fluência, normalidade e patologia**. Disponível em http://www.gagueiraesubjetividade.info/gagueira_fluencia.php#topo, acesso em março de 2012.
- FRIEDMAN, Silvia. **Gagueira e assédio moral**. Disponível em http://www.gagueiraesubjetividade.info/gagueira_assedio.php, acesso em março de 2012.
- FRIEDMAN, Silvia. **Gagueira e subjetividade**. Disponível em http://www.gagueiraesubjetividade.info/gagueira_subjetividade.php, acesso em março de 2012.
- FRIEDMAN, Silvia. **Mito: a gagueira não tem cura**. Disponível em http://www.gagueiraesubjetividade.info/gagueira_mito.php, acesso em março de 2012.
- FRIEDMAN, Silvia. **O que é gagueira?** Disponível em http://www.gagueiraesubjetividade.info/gagueira_o_que_e.php, acesso em março de 2012.
- FRIEDMAN, Silvia. **A construção do personagem bom falante**. São Paulo: Summus, 1994.
- FRIEDMAN, Silvia. **Gagueira: Origem e Tratamento**. São Paulo: Plexus, 4ª edição, 2004.
- FURQUIM, Claudia Regina. **Perfil Familiar e Gagueira**. Disponível em http://www.abragagueira.org.br/causas_forum.asp?id=6, acesso em março de 2012.
- GOMES, Roberta Ecleide. **Causa da Gagueira: por que e para quê ?** Disponível em http://www.abragagueira.org.br/causas_forum.asp?id=14, acesso em março de 2012.
- JAKUBOVICZ, Regina. **Considerações sobre as causas da gagueira**. Disponível em http://www.abragagueira.org.br/causas_forum.asp?id=13, acesso em março de 2012.
- LIMONGI, Fernanda. **Afinal, o que causa a gagueira?** Disponível em http://www.abragagueira.org.br/causas_forum.asp?id=8, acesso em março de 2012.
- MEIRA, Ísis. **Causas da Gagueira**. Disponível em http://www.abragagueira.org.br/causas_forum.asp?id=9, acesso em março de 2012.
- MERLO, Sandra. **Caracterização da Gagueira**. Disponível em http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=29, acesso em março de 2012.
- MERLO, Sandra. **Causas neurofisiológicas da gagueira**. Disponível em http://www.abragagueira.org.br/causas_forum.asp?id=15, acesso em março de 2012.
- NIGRO, Eliana Maria. **As Causas da Gagueira e a Clínica Fonoaudiológica**. Disponível em http://www.abragagueira.org.br/causas_forum.asp?id=7, acesso em março de 2012.

OLIVEIRA, Polyana. **Considerações sobre a causa da gagueira na Clínica de Linguagem**. Disponível em http://www.abragagueira.org.br/causas_forum.asp?id=12, acesso em março de 2012.

JAKUBOVICZ, Regina & BASBAUM, Fernanda. **Tratamento da gagueira na criança: exercícios práticos para construir a fluência**. Rio de Janeiro: Revinter. 2012.

PACHEO, Aline & REIS, Caroline & MAGALHÃES, Maria & ANDRADE, Vanessa. **“Conte-me sua história”**: reflexões sobre o método de História de Vida. Minas Gerais: Mosaico, Volume 1, 2007.